

'Cobra de Vidro', obra marcada pela erudição

NILO SCALZO

Cobra de Vidro, Sérgio Buarque de Holanda, 2ª edição ampliada, Editora Perspectiva em co-edição com a Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 194 páginas, Cr\$ 90,00.

O reaparecimento deste livro que reúne ensaios publicados na imprensa na década de 40, quando ainda havia rodapés de crítica nos jornais, serve antes de mais nada para mostrar ao leitor de hoje que literatura é um assunto em torno do qual se pode conversar com inteligência e sem dogmatismos. Para isso, no entanto, é preciso que o crítico seja um leitor inteligente. Realmente, o que à primeira vista parece um truismo — o crítico como um leitor inteligente, capaz de ler nas linhas e entrelinhas — não é no entanto aceito pacificamente nestes dias em que os ismos voltaram a imperar. Ao dogmatismo que leva os críticos a aceitar tudo que vier recheado de modismos da atualidade, ou, melhor dizendo, de pseudo-atualidade, se junta a preocupação publicitária dos órgãos de comunicação com "slogans" que nada dizem mas que são consumidos por um público que não tem tempo de pensar e que por isso mesmo se limita a engolir "informações".

Há muita confusão nos arraiais da literatura. Publica-se muita coisa e escreve-se muito nos jornais, muitas vezes ensaios quilométricos, sobre obras que não mereceriam mais do que duas linhas de registro. Falta, na maioria das vezes, senso de medida. A propósito deste ou daquele livro são arrolados autores e autores, cujas doutrinas mal assimiladas e, o que é pior, canhestramente expostas, são aplicadas como uma chapa flexível que se ajusta ao achado de quem escreve.

É por isso que esta segunda edição de Cobra de Vidro em que o autor junta aos doze ensaios, que formavam a primeira, mais sete publicados até os primeiros anos da década de 50, constitui como que uma janela que se abre para o ambiente literário, fazendo soprar ventos mais amenos sobre o terreno árido e pouco imaginoso da crítica. Já pelo fato de ser o autor destes ensaios um escritor

na acepção da palavra, isto é, alguém dotado de capacidade criadora, já porque sua atitude é a de quem pretende única e tão-somente um diálogo inteligente com o leitor, desprovido da intenção tão em voga em nossos dias de lhe "vender" algo como se costuma dizer à maneira dos publicitários.

Sérgio Buarque de Holanda reúne, nestes ensaios, erudição e sensibilidade. Uma e outra não se encontram com muita frequência na maior parte dos críticos. No entanto, não se pode compreender a crítica em que falte uma delas. Sua visão de estudioso da História aliada à sua formação estética lhe permite aproximações com senso de equilíbrio entre autores e obras. Por outro lado, a sensibilidade lhe proporciona o registro, sobretudo, na análise da poesia, do que há de pessoal na linguagem poética.

São vários os assuntos incluídos neste pequeno livro. Entre os ensaios que compunham a primeira edição, foi reformulado e ampliado o que analisa a obra de Manuel Bandeira. Os demais acrescentados a esta edição versam sobre a poesia de Dante Milano, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, sobre Lima Barreto e Anibal Machado e outro em que analisa o problema do autor e o público a partir das idéias de Mario Praz.

Se é verdade que se pode falar em impressionismo crítico no que respeita a uma possível classificação deste tipo de crítica, nem por isso se deve deixar de reconhecer que a argumentação do autor não só confere objetividade a esses escritos como se louva numa formação literária rica e profunda. Esse conhecimento, como já se disse, calcado numa base de erudição, a refletir uma invejável segurança do autor Cobra de Vidro não tem o caráter de prosa doutrinária e nem aspira a essa pretensão. São notas redigidas com ironia, elegância e bom gosto sobre autores e problemas literários, as quais ampliam largamente o horizonte da literatura, que, para alguns, é, infelizmente, muito estreito.

O Estado de São Paulo
21.01.1979

79/01/21

O Estado de São Paulo

SB4

Pt 2.69 ex 15